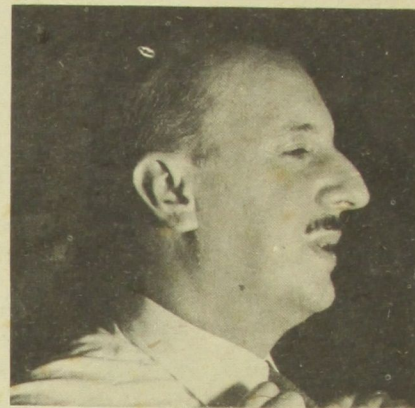


GENTE DA CIDADE



Silveira Sampaio
teatrólogo

José da Silveira Sampaio nasceu na rua Professor Gabizo, na Tijuca, em 1914; pai minhoto, de Fafe, atacadista; mãe brasileira, filha de paulista e português. Este avô materno, transmontano, era também comerciante, e fazia versos que até hoje o neto acha bons; seu filho, o dr. Guilherme da Silveira (tio do nosso herói) e seus netos, com uma fábrica de tecidos e Zizinho alcançaram o Bangu. Foi esse avô quem ensinou o menino a ler, e o fez decorar o poema de Thomaz Ribeiro "As flôres d'alma" (que se alteiam belas...) que ele recitou, vestido de escoteiro, em seu primeiro "show", no colégio primário.

Dos 7 para os 8 anos passou alguns meses na quinta paterna, em Fafe, onde caçou passarinhos, pisou uva no lagar e teve uma indigestão de cerejas, voltando com sotaquê. Fez os cursos primário e secundário no Paula Freitas, e até hoje se encontra com mais 17 colegas todo dia 31 de dezembro, à tarde, na Colombo. Esses 18 amigos tiraram no ano passado um retrato — eles todos e seus 46 filhos. Uma das grandes alegrias da infância: a vitória do América no campeonato do Centenário. Sua grande admiração: Joel Monteiro, que ele procurava imitar como keeper do time do colégio.

Aos 17 anos, já na Faculdade de Medicina, escreveu a peça "Futebol em Família" de parceria com Arnaldo Faro (hoje chefe do contencioso da Light) e ganhou o prêmio de 1 conto, entre 60 concorrentes, no concurso aberto pelo "Jornal do Brasil". Nesse mesmo concurso um prêmio especial foi dado a uma peça de Armindo Rangel, pai de Lúcio Rangel e avô de Sérgio Porto.

"Futebol em Família" foi representado no São José por Conchita de Moraes, Manuel Durães, Teixeira Pinto, Ismênia Santos, Manoelino Teixeira, Barbosa Júnior, Edith de Moraes e Olga Louro. O prêmio e os aplausos da crítica animaram o rapaz, que se pôs a escrever; fez mais três peças, mas nenhuma foi aceita em teatro nenhum, sendo que uma, "O Rei da Banana", foi recusada consecutivamente por oito companhias. Para compensar essa longa amargura, ele mais tarde haveria de levar as três peças na televisão.

Estuda a sério medicina, freqüenta desde o segundo ano enfermarias de crianças, mas

BERCEUSE

RAINER-MARIA RILKE
(TRADUÇÃO DE R. B.)

Quando eu te perder, um dia,
Acaso poderás adormecer
Sem que eu sussurre junto a ti,
Como árvore?

Sem que eu vele, depondo
Palavras que são pálpabras
Em teus seios, em teus membros, em teus lábios?

Sem que eu te encerre
Em ti mesma, sôzinha,
Como um jardim de anis
E de melissas?

RAINER-MARIA RILKE nasceu em Praga, em 1875. Seu nome de batismo era René Maria, porque sua mãe (que o mimou excessivamente) o queria para substituir uma filha recém-falecida. Seu pai quis fazer dele um oficial e Rilke sofreu, por seis anos, a Academia Militar. Acabou sendo um dos poetas mais importantes de seu tempo, com enorme influência em todas as literaturas. Morreu em 1926. Deixou as seguintes obras: "A canção de amor e morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke"; "O livro de imagens"; "O livro de horas"; "Augusto Rodin", conferências sobre o grande escultor francês, de quem foi amigo; "Histórias do Bom Deus"; "Novos Poemas"; "Os Cadernos de Malte Lauride Brigge"; e as "Elegias de Duino" seguidas dos "Sonetos a Orfeu", sua obra-prima. Escrevendo em alemão, Rilke viveu, como um nômade, por toda a Europa e teve na França e na Rússia as suas pátrias espirituais.



Racionamento

M 96

O poeta não é prático
FLU, 1978, out.

RN 224
e 43



Braga

COM DESENHOS
DE ANAHORY

seu primeiro emprego como médico é fúnebre: trabalha no "Abrigo de Tuberculosos do Bangu" que não era um hospital, mas um simples depósito de desenganados; assinava por dia 5 a 6 atestados de óbito, e ganhava para isso 300 mil réis por mês. Vai ampliando sua clínica de puericultor, faz concurso para o Departamento Nacional da Criança, a que ainda hoje pertence (letra L) escreve com Freire Vasconcelos "Problemas médico-sociais da infância", publica dois livros de divulgação de higiene infantil, casa-se com moça de Alegre, Estado do Espírito Santo (sua filha agora tem 13 anos) e, aos 31 anos, faz com um amigo, João Novais, o filme "Uma aventura aos 40" que em 1947 ganhou os prêmios de melhor filme, melhor direção (sua) melhor ator (Flávio Cordeiro) melhor atriz (Aida Carney) melhor argumento (seu) melhor cenarização (sua). Esse filme satírico, feito quase de brincadeira, não deu prejuízo, foi bem recebido no Rio e em São Paulo e estrepitosamente vaiado em Manaus. Começou depois a fazer, e ainda não terminou, outro filme, "As 7 mulheres de Barba Azul", com Tatiana Leskova, Beatriz Consuelo, Ivete Mariz, Elisabeth Hodos, Vera Moreira, Clélia Tereza, Laura Suarez, Humberto Mauro (estréia como ator) Teófilo de Vasconcelos, Luís Delfino, Raimundo Furtado. No papel principal, Flávio Cordeiro.

Em 1948 escreveu uma peça e a mostrou a outro médico, seu vizinho de escritório, Pedro Bloch; este a levou a Olavo de Barros que a levou a Aimée. Era "A inconveniência de ser espôsa", levada no Teatrinho Íntimo do Leme, com o autor no papel principal. Inaugura depois o Teatro de Bolso de Ipanema e completa a "Trilogia do Herói Grotresco" iniciada com "A inconveniência", com "Da necessidade de ser polígamo" (seis meses de cartaz) e "A garçonnière do meu marido". No meio faz peça de sátira política "Paz entre os bichos de boa vontade", cuja estréia foi um fracasso tamanho que ele a retirou no mesmo dia do cartaz, pondo um aviso na seção fúnebre dos jornais dizendo que o fazia porque a peça não agradara a ninguém, nem mesmo ao autor. A essa altura já abandonou a clínica; é um profissional de teatro, vai a São Paulo para o TBC e o Municipal, escreve "O impacto" com a senhora Cló Prado, dirige Tônia Carreiro e Paulo Autran na peça de Guilherme de Figueiredo "Um Deus dormiu lá em casa", faz os "Flagrantes do Rio", lança no teatro Tereza Austregésilo e Nancy Wanderley, faz televisão e "show" de "boite". Atualmente escreve duas peças — "A intrusa" e "Sociedade dos Amigos de Denise" e trabalha no "Béguin", no show que escreveu e dirige. Esse homem alto, narigudo e sorridente, vive com muita disposição, bebe pouco, dirige bem sua MG de quatro lugares, diz que não enjôa de representar a mesma peça cem vezes porque "a platéia muda sempre, e o ator assiste a platéia reagir", imita Villaret e Mário Reis (que é seu primo) com absoluta exatidão; perguntado sobre o jôgo, diz que montar uma peça é um jôgo de azar como qualquer outro; sobre ginástica diz que "faz só no teatro" e sobre sua incipiente calvície confessa que usa Tricomicina sem seguir a bula, o cabelo não nasce mas parou de cair, e tem esperança de que o América volte a ser campeão no próximo centenário, no ano 2022.

R. B.

O POETA



M 96 - C M 25.4.51
DN - 29.5.58
RN 224

DN 21.9.68
JB 3.1.65
FLU out
RN 43

CARTA a uma velha amiga que me disse ter conhecido um grande poeta, que é meu amigo; e ter sofrido uma decepção:

Querida —

Não achou você poético o poeta; e até se queixa de que, no tempo em que esteve em sua mesa, não lhe ouviu uma palavra sobre poesia, mas, unicamente, ao sabor da conversa, comentários sobre sapatos de homem e desastre de automóvel, quando você gostaria de conversar sobre William Shakespeare.

É, na verdade, um pouco mortificante. Nunca falam os poetas de poesia?, me pergunta você. Bem, eles falam. Cada homem tem costume de falar de seu ofício, e o poeta é um homem como os outros. Mas acontece que, além de ser um homem como os outros, e sem deixar de sê-lo, ele tem isso de grave e especial que é ser um homem a quem tudo concerne e de tudo tira seu mel e seu fel. Esse menino que passa com um barulhento carrinho feito de caixotes, a trazer verduras da feira; aqueles operários da construção, que, depois de almoçar no botequim da esquina, com uma cerveja preta, ficam um pouco sentados na calçada, conversando à-toa, à espera do sinal para o trabalho; e o próprio carrinho de tábuas de caixote, e a própria garrafa de cerveja preta — tudo é matéria do poeta. Não concerne o peixe

ao motorista nem a mangueira ao cirurgião; mas ao poeta tudo concerne, e nesse pedaço de jornal velho que o vento arrastu pelo chão, ele se inspira tão bem quanto naquela moça que saiu às compras, na manhã fria do bairro, com calças compridas e uma capa de gabardine. Apenas há isto: que a esse farrapo de jornal ou aos olhos verdes dessa moça, podem acontecer que tenham de esperar muitos anos para entrar em um verso do poeta, como podem entrar de repente, atravessando um braço de mar de 1938 ou a tarde de um agosto antigo. A moça tão linda julga ir onde quer, ao sabor de sua fantasia; na verdade ela é guiada por um controle remoto que a faz passar perante o poeta. Este pelo menos assim o crê: vê gestos de Deus na queda de uma fôlha ou no salto de um gato.

Quando o poeta fala de sapatos, de trânsito ou futebol, não está disfarçando: o último Fla-Flu, a corrida do lotação depois do túnel e a côrdos sapatos, tudo se filtra na alma do poeta. Tudo; e com certeza também você, que ele pode ter incorporado silenciosamente, e quando amanhã escrever "uma tarde castanha", se lembra de seus cabelos e de sua voz serêna.

Não o desame pois, por não ser poético; isso não é seu ofício: ele é poeta. Adeus.